

LINGUASAGEM

“ESSE VERSO É UM POUQUINHO DE UMA VIDA INTEIRA...”: OS INUMERÁVEIS E A MORTE INOMINÁVEL

Lauro José Siqueira BALDINI¹
Elisa Mara do NASCIMENTO²

Resumo

No Brasil, em meio a uma política de (não-)enfrentamento da epidemia do novo coronavírus, recebemos notícias diárias de milhares de mortos. No entanto, todas as vidas perdidas não são meros números a comporem uma soma macabra cujo resultado ainda nos é desconhecido; elas são pessoas, com nomes e histórias singulares que podem ser escritas. Em um contexto no qual muitas vidas são tratadas como não passíveis de luto e a própria morte é tratada como não sendo mais, o memorial virtual Inumeráveis, criado em homenagem a cada uma das vítimas perdidas na pandemia no país, constitui resistência.

Palavras-chave: Inumeráveis, Luto, Pandemia.

Abstract

In Brazil, amid a policy of (non-) confronting the epidemic of the new coronavirus, we receive daily news of thousands of deaths. However, all the lives lost are not mere numbers that make up a macabre sum whose result is still unknown to us; they are people, with unique names and stories that can be written. In a context in which many lives are treated as not mourning and death itself is treated as no longer, the virtual memorial Innumerable, created in honor of each of the victims lost in the pandemic in the country, constitutes resistance.

Keywords: Innumerable, Mourning, Pandemic.

“Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doar. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar.” – Campo Geral, Guimarães Rosa (1956).

“As memórias vão com o tempo, se desfazem. Mas algumas não encontram consolo, só algum alívio nas pequenas brechas da poesia. Você é a minha

¹ Docente do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Líder do grupo de pesquisa PsiPoliS (Psicanálise, Política, Significante). E-mail: ljsbaldini@gmail.com.

² Mestranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Bolsista CNPq e integrante dos grupos de pesquisa PsiPoliS (Psicanálise, Política, Significante) e DARq (Discurso e Arquivo).

memória inconsolável, feita de pedra e de sombra, e é dela que tudo nasce e dança.” – Elena, Petra Costa (2012).

Brasil, 30 de julho de 2020.

No momento em que escrevemos, o Ministro da Saúde é um militar interino, cuja única ação digna de nota foi trocar diversos funcionários de nível técnico já há anos no Ministério por militares sem qualquer experiência com saúde pública. As inações dignas de nota são inúmeras, como a divulgação de um protocolo que libera no SUS a utilização da cloroquina, medicamento sem nenhuma eficácia comprovada e que pode inclusive levar a graves efeitos colaterais, até para casos leves de Covid-19. Começa agora a haver uma resposta e repercussão internacional frente às ações do governo brasileiro e, particularmente do presidente Jair Bolsonaro. No dia 26 de julho, profissionais da saúde encaminharam uma denúncia ao tribunal internacional de Haia, na qual acusam o presidente da república de genocídio e crimes contra a humanidade, especialmente para com a população mais vulnerável do país³. Até agora, 90.134 mortes pelo novo coronavírus segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, que voltou a contar seus mortos na terceira semana de junho⁴, mas continua a não dizer (quase) nada sobre eles. Em alguns dias, chegaremos a 100.000 mortos, e não se espera que o Estado, na figura do Presidente da República, possa dizer algo muito diferente de sua mais recente e cruel imbecilidade: “Infelizmente, acho que quase todos vocês vão pegar um dia. Tem medo do quê? Enfrenta!”⁵, dando mostras de uma virilidade cujo tom ridículo poderia nos causar riso, não fosse o número de mortes que vem causando.

Provavelmente o leitor se assuste ao pensar no número de vítimas de seu próprio presente, mais próximo ou mais distante da data de escrita deste texto. Lembramos que escrevemos em meio à tormenta ainda sem nenhum vislumbre da luz no fim do túnel, o que ressalta o caráter provisório das questões e conclusões aqui expostas. Ressaltamos, por que não dizê-lo?, também a situação de desespero e desamparo que conduz a escrita.

Neste momento de incertezas, não raro, adicionamos de um dia para o outro mais de 1.000 a essa soma macabra. Mas talvez o leitor já esteja situado em um tempo

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-26/profissionais-de-saude-denunciam-bolsonaro-por-genocidio-e-crime-contra-a-humanidade-em-haia.html#?sma=newsletter_brasil_diaria20200727. Publicado em: 26 jul. 2020. Acesso em: 27 jul. 2020.

⁴ Painel Coronavírus do Ministério da Saúde: <https://covid.saude.gov.br/>. Evidentemente, não estão aí computados os casos de morte por pneumonia e síndrome respiratória aguda grave, o que tornaria os números muito maiores e a imprensa mais corajosa.

⁵ Disponível em: <https://contraponto.jor.br/bolsonaro-desafia-tem-medo-do-que-enfrenta-morre-gente-todo-dia/>. Publicado. Acesso em: 31 jul. 2020.

mais próximo ou mais distante deste regime brasileiro que tenta suprimir as consequências de suas próprias decisões frente à pandemia. Um governo que, durante duas semanas, decidiu por apagar de seus canais oficiais os traços deixados pela morte nos dias anteriores, acreditando que a desinformação seria o melhor para o Brasil⁶.

Esta ação governamental de supressão de dados reflete uma consequência antiética extrema deste tempo da morte seca em vigor desde a Primeira Guerra Mundial (ALLOUCH, [1995] 2004). No horizonte de uma perda seca, segundo Allouch, lidamos com uma tripla ausência: não há mais morte no grupo, não há mais morte de si e, como consequência, não há mais luto. Dito em outras palavras, a morte deixa de ser um fato social e não há mais o seu reconhecimento público no grupo; ela deixa de ser um acontecimento esperado e experienciado pelo sujeito e passa a se realizar escondida nos ambientes hospitalares, amenizada e marcada de pudor; por fim, em decorrência desses outros fatores, o próprio luto é tornado indecente e declarado como não sendo mais. Afinal, a vida precisa continuar, apesar de tudo. E, no Brasil, denunciar a própria morte passa a ser obsceno, já que, no final das contas, a economia precisa continuar, apesar de todos⁷. Isso não estava previsto por Allouch em seu belo livro. Além da “perda seca” que mencionamos, temos que lidar no Brasil com uma espécie de “perda absoluta”, em que desaparecem corpos de crianças indígenas, o Presidente da República produz aglomerações antes, durante e depois de seu contágio pelo vírus e a única ação de Estado visando a homenagear os mortos foi uma Ave Maria tocada de maneira pouca virtuosa numa sanfona, em vídeo intencionalmente com ares de amador, tudo muito farsesco e propositalmente tosco, porque não basta que a morte esteja a um passo de todos nós, é preciso celebrar sua chegada com vulgaridades.

Essa postura presidencial de completo descaso em relação às mortes e aos contaminados pelo novo coronavírus no Brasil, assim como em relação à elaboração de uma memória possível para as vítimas, pode ser também apreendida em diversas alegações proferidas por Jair Bolsonaro desde março: “Está superdimensionado” (09/03); “Esse vírus trouxe uma certa histeria” (17/03); “Não dá pra fazer mais do que estamos fazendo” (23/03); “Todo mundo vai morrer um dia” (29/03); “A maioria das mortes não tem nada a ver com o coronavírus” (27/03); “Vai morrer gente? Vai!”

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml>. Publicado em: 6 jun. 2020. Acesso em: 19 jun. 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/economia-nao-pode-parar-diz-bolsonaro-ao-setor-productivo-brasileiro>. Publicado em: 20 mar. 2020. Acesso em: 21 jun. 2020.

(30/03); “Vírus é igual a uma chuva. Você vai se molhar, mas não vai morrer afogado.” (01/04); “Tá com medinho de pegar o vírus?”(02/04); “Eu não sou coveiro” (20/04); “E daí? Lamento. Quer que eu faça o que? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (28/04); “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo” (02/06). Não trazemos um apanhado exaustivo, ainda nos resta um pouco de pudor.

* * *

Frente a esse contexto político brevemente explicitado, consideramos que o projeto *Inumeráveis*, memorial virtual dedicado à história de cada uma das pessoas mortas pelo coronavírus no Brasil, constitui um ato de resistência. Entretanto, não se trata somente de uma resistência contra a presente (não-)política governamental de enfrentamento ao vírus e de banalização das milhares de mortes ocorridas até agora. Como acontece com toda forma de resistência, esta dimensão é salientada por nós como uma face não inicialmente prevista e que se dá em momento posterior à criação do projeto, considerando-se também os acontecimentos políticos no país.

Pensamos aqui a interpretação como um gesto, um ato que se inscreve no nível simbólico, intervindo no real do sentido (ORLANDI, 1996, p. 84). Tais acontecimentos políticos, a nosso ver, afetam inevitavelmente também aquilo que veio antes, ressignificando suas supostas origens⁸. Afinal de contas, filiamo-nos também à Análise do Discurso Materialista, que leva em consideração um sujeito afetado pelas condições históricas que o circundam e influenciam não somente seu dizer, mas também a circulação dos efeitos de sentido de suas palavras (PÊCHEUX, [1975] 2014). Dito de outro modo, pensamos a resistência, sempre política, na sua relação com o significante, sempre uma relação⁹.

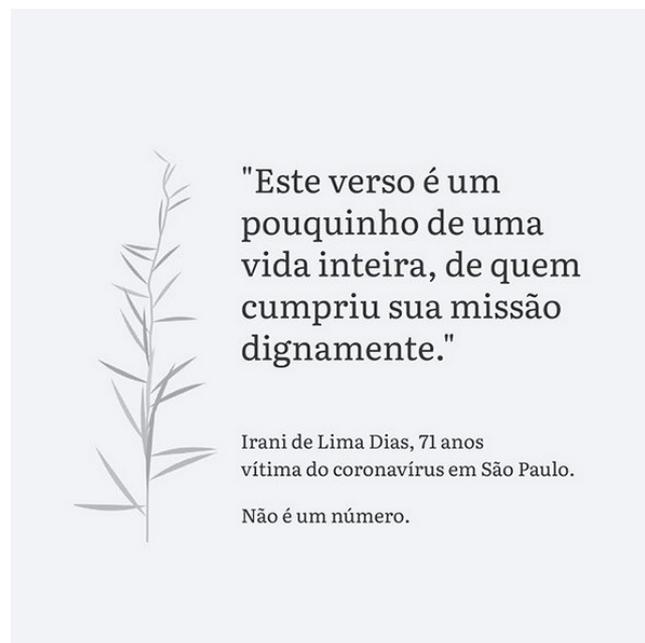
⁸ A resistência, no quadro teórico da Análise do Discurso Materialista filiada a Michel Pêcheux, segundo Modesto e dos Anjos (2017), é colocada “no lugar da falha, do equívoco, do errático, da rachadura que não se realiza em outro lugar, alhures, mas no próprio seio da dominação. Nesse processo, a resistência não é o produto de uma intenção do sujeito ou do enfrentamento de um grupo contra o outro, porque, assim como o sujeito não é unidade, mas dispersão, os grupos e ideologias se formam em processos contraditórios de remissão e afastamento. A resistência é um trabalho com o real: a incompletude como real da língua e a possibilidade do sentido ser sempre outro, e a contradição como real da história e a possibilidade da abertura e do acontecimento nas falhas do ritual.” (p. 10).

⁹ Nesse sentido, veja-se como Pêcheux recupera a dimensão do significante e da enunciação na resistência: “Não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras” (PÊCHEUX, [1982] 1990, p. 17)

Além dessa dimensão importante das políticas de Estado brasileiras, que não é explicitada diretamente na descrição do memorial, consideramos que este projeto materializa também uma forma de resistência contra as três ausências tornadas presentes neste tempo da morte seca - ausência de morte no grupo, da morte de si e do luto - ao abrir espaço para a escrita de uma história singular e, neste ato, marcando a singularidade da perda que advém com a morte de um ente querido. Nesse sentido, trata-se de uma experiência narrativa que propicia um espaço de elaboração para o luto e que conjuga em sua (im)possibilidade a perda da experiência (BENJAMIM, [1933] 1994) e a experiência da perda (FREUD, [1917] 2011).

Esta segunda face da resistência, que se dá no ato da escrita particular de uma perda, constitui o foco deste artigo. Atentando-se, sobretudo, para os manuais de escrita disponíveis aos voluntários do projeto e para alguns textos seletos produzidos por eles e disponíveis no site, pretendemos conduzir o leitor a um deslocamento: partimos da pergunta *Como escrever um luto?* e chegamos à indagação sobre *O que se escreve de um luto?* Nossa resposta, inevitavelmente, (se) esboça (tomando) os contornos de um poema e se desloca de uma normatividade para o testemunho de uma marca que se pode ler.

* * *



Publicação feita no *Instagram* do Memorial Inumeráveis, que procura sempre divulgar algumas epígrafes disponíveis no site¹⁰.

¹⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_sd8BOHgl3/. Publicado em: 2 maio 2020. Acesso em: 23 jul. 2020

O memorial virtual *Inumeráveis* foi idealizado pelo artista Edson Pavoni e atualmente já conta com a participação de quase 200 voluntários e colaboradores. O site do projeto foi ao ar no dia 30 de abril deste ano e, desde então, ele é atualizado diariamente com novos nomes, epígrafes e histórias das vítimas do coronavírus no Brasil.

Não se trata da única iniciativa deste tipo no mundo. Em outros países, como nos EUA e no Reino Unido, também surgiram outros memoriais virtuais a partir de iniciativas não-governamentais que visam a uma ação concreta frente à impossibilidade de realização dos rituais de luto neste contexto pandêmico e à falta de uma política de memória forte por parte do Estado¹¹. Em meio à necessidade de distanciamento social para garantir a proteção de todos, o digital torna-se um espaço privilegiado de visitação¹².

O alto risco de contágio do vírus forçou as autoridades a impedir que os enterros e funerais sejam feitos de maneira convencional, com o velamento de várias horas e acompanhamento fúnebre que geram por vezes grande aglomeração de pessoas. Neste

¹¹ Com relação a esse último ponto, vale ressaltar que ainda são raras as discussões na esfera governamental a respeito de uma política de memória para as vítimas do coronavírus (no caso específico do Brasil, vale marcar o modo particular - para não dizer omissivo - como a questão dos mortos é sempre remetida a uma superação sem vestígios: não temos grandes arquivos nem grandes memoriais que possam mediar nossas relações com os mortos pela Ditadura, ou com o genocídio negro e indígena). Vivemos uma política do recalque. Voltando ao caso da Covid-19, no entanto, a França constitui uma exceção, mesmo que nenhuma ação concreta tenha sido tomada pelo Estado. Segundo membros do governo francês, é preciso ainda ver como a situação pandêmica irá terminar antes de se iniciar qualquer discussão a respeito da construção de um memorial (<https://www.rtl.fr/actu/politique/coronavirus-en-france-un-memorial-pour-les-victimes-du-covid-19-7800529721>). Publicado em: 19 maio 2020. Acesso em: 23 jul. 2020. Além disso, alega-se que a criação de um memorial deve ser levada adiante a partir da vontade das vítimas e sobreviventes de determinado evento, como no caso de memoriais nacionais de campos de concentração. Ainda segundo esta mesma linha de argumentação, ao contrário do sofrimento promovido pelos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial, que envolvem milhões de vítimas e sobreviventes, a Covid-19 promoveria um luto muito individual, no qual não haveria necessariamente um sentimento coletivo (https://www.bfmtv.com/societe/faut-il-creer-un-memorial-pour-les-victimes-du-coronavirus_AN-202005200099.html). Publicado em: 20 maio 2020. Acesso em: 23 jul. 2020. Ora, discordamos veementemente desta última alegação e consideramos que o surgimento de diferentes memoriais virtuais pelo mundo dão prova da existência de um sentimento coletivo de luto pelas vítimas do coronavírus, mesmo que não compartilhado por todos. Além disso, e aqui remetemos à fala de Suely Aires na mesa “Luto e subjetivações: clínica, política e ética” do I Congresso Virtual UFBA 2020 (disponível em <https://youtu.be/w0Gfwe4Txqo>), há implicações subjetivas em quaisquer modificações das formas sociais de vivência do luto, isto é, não oposição radical entre “social” e “subjetivo” quando se trata do luto.

¹² Em entrevista concedida ao jornal Folha de S. Paulo, Edson Pavoni, idealizador do projeto, afirma que sua equipe pretende, no futuro, transformar esse memorial virtual em algo físico, que poderá ser visitado. Apesar da impossibilidade de concretizar essa ação enquanto perdurar o período necessário de isolamento físico, Pavoni ressaltava a importância de um toque mais profundo nesse momento de privação: “*O que aprendi é que as histórias penetram no coração num lugar onde os números não conseguem*”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/projeto-inumeraveis-cria-memorial-de-vitimas-da-covid-19-no-brasil.shtml?origin=folha>. Publicado em: 7 maio 2020. Acesso em: 16 jul. 2020.

contexto pandêmico, o tempo de velório é reduzido à duração máxima de uma hora, o caixão deve permanecer fechado para que não haja qualquer contato com o morto e todo o processo de sepultamento deve contar com a presença de um número mínimo de pessoas. Os povos indígenas também se encontram nesse momento impossibilitados de realizar os rituais de luto típicos de suas culturas, os quais mobilizam toda a aldeia e envolvem diversas maneiras de contato com o morto¹³.

O papel dos ritos de luto, entretanto, não deve ser subestimado e seu impedimento pode apresentar graves consequências. Tal supressão encontra-se generalizada neste contexto pandêmico, mas não constitui algo novo. Mesmo antes da pandemia, deparamos-nos com situações nas quais as diferentes maneiras de se elaborar uma perda não são tratadas da mesma forma, já que as próprias vidas não são consideradas simétricas¹⁴.

Encontramos em Judith Butler ([2009] 2016) uma reflexão sobre os enquadramentos que colocam em cena a dimensão da vida e, portanto, a da morte. Nesses “enquadramentos” temos tanto os parâmetros epistemológicos engendrados por esquemas de inteligibilidade - que nos permitem apreender uma vida como precária e passível de luto enquanto que outras não recebem o mesmo estatuto - como também o enquadramento enquanto ação sobre a imagem - sobre aquilo que é delimitado no campo do visual, sobre aquilo que se dá a ver, que circula, e aquilo que é escondido do olhar, e que não se pode ver, ou que só pode se entrever. Isso nos permite compreender a eficácia e a vulnerabilidade dos enquadramentos, que instalam o poder das normas de reconhecimento e a sua subversão. Nessa direção, há uma distribuição desigual da humanidade que faz com que certas mortes nos afetem e outras não, há comoção em torno de certos lutos em detrimento de outros que sequer têm o direito de acontecer e aparecer.

¹³ A título de exemplo, citamos o ritual de luto típico dos Sanõma, subgrupo dos Yanomami. Nesta cultura, o corpo do morto é cremado e suas cinzas são ingeridas por membros da tribo: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/o-drama-ritual-da-morte-para-os-sanoma.html>. Publicado em: 24 jun. 2020. Acesso em: 21 jul. 2020. A pandemia do coronavírus no país vem atingindo as sociedades ameríndias de maneira particularmente violenta, seja nas inúmeras mortes ocorridas nas comunidades, seja no descaso com que o Estado brasileiro trata as formas particulares de se elaborar o luto nestas culturas: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html?fbclid=IwAR2xnYOZGAav8WjRkezTvqbSGrLBkYc9BPImwZgEyf6BAE6tjY91IJFBzc>. Publicado em: 24 jun. 2020. Acesso em: 21 jul. 2020.

¹⁴ Aqui não podemos deixar de mencionar Mbembe ([2003] 2018), autor que torna visível uma prática política bastante comum no ocidente que, ao mesmo tempo em que desumaniza certas populações, relegando-as a uma zona que se situa entre o estatuto de sujeito e objeto, regula a distribuição da morte. Essa maneira de considerar a política como uma forma de guerra implica em uma série de questões para a compreensão do funcionamento do poder em sua face de poder de deixar viver e poder de matar.

Quando pensamos o Brasil, deparamos-nos com uma série que mistura raça, sexualidade, gênero e classe atuando perversamente naquilo que constitui o outro como brutal, perigoso, animalesco, enfim, como não só não merecedor da proteção do Estado como eleito o seu alvo constante (ou, no presente caso, seu alvo simplesmente por uma medida de abandono à própria sorte¹⁵). Essa dimensão do (in)humano nos chega sob uma forma visual: são normas que atuam para revelar e apagar um rosto, de maneira que existem enquadramentos que mostram o humano em sua precariedade em detrimento de outros que impedem a capacidade de resposta ética.

É importante salientar que a noção de enquadramento mobilizada em Butler diz respeito não apenas a uma câmera que está situada em um espaço/tempo delimitando um campo de visão, mas a toda a esfera social e histórica na qual as fotografias, vídeos e textos são publicados, censurados, debatidos, interpretados. Enfim, trata-se de uma cena ampliada. Por essa via, podemos pensar que o memorial virtual *Inumeráveis* promove um enquadramento das vidas que perdemos de maneira a justamente procurar marcar singularmente a dimensão da perda. Trata-se de um enquadramento muito diferente daquele feito pelo Estado, no qual essas vidas são reduzidas a números, a números de pouca confiança¹⁶, e sobre os quais nada se diz que possa ter o peso simbólico de conduzir a uma experiência de despedida.

Para Lacan ([22 de abr. de 1959] 2016, p. 360-1), a experiência da morte do outro (e não a experiência da própria morte, que ninguém tem) apresenta uma dimensão de intolerável ao sujeito e provoca um furo no real. Esse “furo no real”, para Lacan, é uma operação inversa à da forclusão. Se na forclusão aquilo que é recusado no simbólico reaparece no real, como no delírio, aqui se trata de convocar o simbólico para dar conta de uma desapareição no real. Operações de linguagem, torções no discurso,

¹⁵ Nesse sentido, é notável o exemplo de Paraisópolis, favela de 100.000 habitantes na cidade de São Paulo. Em um vídeo disponível na página do Facebook da favela, o líder comunitário Gilson Rodrigues expõe a maneira como os moradores estão se organizando para lidar com a crise gerada pela pandemia. Ela justifica essas ações da seguinte maneira: “Diante da situação que, até o momento, nenhum dos governos falou a palavra ‘favela’, nós estamos nos organizando para criar uma solução para Paraisópolis e que as favelas do Brasil podem se organizar da mesma forma. [...] Nós estamos montando uma estrutura aqui de guerra, porque nós estamos entendendo que nós estamos sendo abandonados à própria sorte. [...] nós esperamos que a sociedade no geral consiga nos ajudar, que a gente possa se tornar seres humanos melhores a partir disso, mas que, principalmente, o governo crie uma política pública específica para as favelas. Não dá pra deixar as favelas a sua própria sorte. Tem política pra salvar os bancos, tem política pra salvar os shoppings, tem políticas pra salvar o varejo, e a palavra ‘favela’ ninguém falou como salvar?”. Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?extid=NTDyz9rde5zPYcGf&v=273525466975956>. Publicado em: 21 mar. 2020. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁶ Já em abril, a mídia brasileira sinaliza para uma subnotificação do número de mortos pela epidemia do coronavírus baseada no aumento esporádico de mortes por síndrome respiratória associada ou não a um quadro de pneumonia, dentre outras causas não especificadas.

portanto. Operações que colocam em questão todas as relações constitutivas do sujeito com o objeto, exigindo uma mudança brutal nessas relações. O luto, portanto, decorre do que Lacan chama de uma “perda verdadeira” e nele há a mobilização de todo o sistema significante, do qual citamos os ritos funerários em suas diferentes formas nas mais diversas culturas como parte significativa¹⁷. A tentativa de mobilização do simbólico, mesmo que necessária, não preenche a falta provocada por uma perda, mas somente faz circunscrever algo em torno desse buraco no real, deixando sempre um resto que diríamos *inominável*. Dito em outras palavras, podemos pensar, com Suely Aires, o quanto o luto (seja ele entendido enquanto processo, trabalho ou ato¹⁸) “não seria transformar uma ferida [provocada por uma perda] em uma cicatriz, ou seja, não é deixar, abandonar, tudo sumir, mas essa marca ser aquilo que se carrega”¹⁹.

Podemos dizer que um ponto comum a todos os memoriais virtuais de diferentes lugares do mundo é a percepção desta impossibilidade de prosseguimento e até mesmo uma supressão repentina dos rituais de luto, sejam eles quais forem, como uma violência²⁰ a respeito da qual se deve fazer *alguma coisa*. Além disso, essas iniciativas que partem do âmbito civil demonstram uma certa insatisfação para com as aparentes insuficiência e lentidão das ações governamentais frente a um *luto coletivo* provocado pela pandemia, visto que as medidas oficiais se restringem na maioria das vezes a instantes de silêncio e hasteamento da bandeira nacional a meio mastro. A esse enquadramento proposto pelo Estado, vemos em iniciativas como a do projeto *Inumeráveis* outra possibilidade de enquadramento, isto é, de apresentação, colocação em série e exposição de vídeos, enunciados, fotos, que permitam quebrar ou colocar em xeque outros enquadramentos ou, ainda, uma outra possibilidade de enquadramento que justamente permite tornar visível em sua montagem (e em sua perversidade) o

¹⁷ Nas palavras de Lacan mediadas por Jacques-Alain Miller: “No fim das contas, a que se destinam os ritos funerários? A satisfazer a chamada memória do morto. E o que são esses ritos senão a intervenção total, maciça, do inferno até os céus, de todo o jogo simbólico?” ([22 de abr. de 1959] 2016, p. 361).

¹⁸ A esse respeito, cf. Allouch ([1995] 2004). A problemática é extensa demais para que a desenvolvamos aqui.

¹⁹ Fala proferida na mesa redonda intitulada “Luto e subjetivações: clínica, política e ética”, realizada no dia 30 maio 2020 como parte do I Congresso Virtual UFBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0Gfwe4Txqo&feature=youtu.be>. Acesso em: 23 jul. 2020.

²⁰ Em sua tese de doutorado, Tyara Veriato Chaves se dedicou a uma reflexão sobre uma produção poética frente a acontecimentos ligados à violência de Estado, como a Chacina do Cabula, dentre outros exemplos. Para a autora, “aquilo que concebemos como violência não se resume à evidência do que fere a carne. Se a dimensão do corpo é constitutiva à dimensão da linguagem, temos necessariamente que pensar os processos pelos quais a violência se constitui na/pela linguagem, como também pelos diversos movimentos que passam pela tomada da palavra como revide, vingança, denúncia, torção [*sic*], insubmissão, mas também como lugar de respiro, um possível” (2020, p. 95).

enquadramento “oficial”, dando a ver aquilo que fica apagado no conjunto de regularidades visuais, textuais e enunciativas do Estado.

Neste cenário de violência com relação à impossibilidade de elaboração simbólica de um luto no espaço físico de uma comunidade (que, como vimos, não é algo novo, mas toma contornos mais nítidos nesse momento histórico), este *alguma coisa* a se fazer, nesses diferentes memoriais, toma a forma do ato de escrita de uma perda e circulação pública destas palavras no espaço virtual.

* * *

Vivemos atualmente em um contexto fortemente marcado pela digitalização, no qual é possível encontrar um grande número de reações muito rápidas aos mais variados acontecimentos no mundo. Todo esse volume de informações que circula nos espaços virtuais em alta velocidade e nos mais diversos idiomas é acessível a um simples clique. Visto isso, uma ação freada por entraves burocráticos, como é típico nas máquinas de Estado, incomoda especialmente nos momentos de catástrofes e faz procurar outras vias possíveis.

Nesse jogo entre a lentidão da máquina estatal e a instantaneidade imaginária do digital, é preciso levar em conta que o tempo de elaboração singular a cada sujeito não corresponde a nenhuma medida que não a própria. Isso significa que este tempo não pode ser mensurado objetivamente *a priori* e, em seguida, generalizado. No caso do luto, essa diferença se torna ainda mais evidente. Vemos cada vez mais uma tendência de acelerar o tempo de elaboração de uma perda, chegando até mesmo ao ponto de estipular uma duração máxima para um luto normal nos manuais diagnósticos. No DSM-5 (quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), por exemplo, um luto que ultrapassa a duração de 12 meses (ou de 6 meses, no caso das crianças) já é nomeado enquanto “persistente” e associado à ordem do patológico (2014, p. 790)²¹. Esta normatização, apesar de notável, não constitui, entretanto, o foco deste artigo.

Com isso que foi exposto, não estamos querendo dizer que as reações civis materializadas na criação de memoriais virtuais não são válidas devido a sua

²¹ No Brasil, a legislação trabalhista prevê a possibilidade de uma ausência de dois dias consecutivos (não necessariamente dois dias úteis) no trabalho para aqueles que perderam algum ente próximo. Trata-se da chamada “licença nojo”. Após esse período, o trabalhador se encontra à mercê da compreensão e bom senso do empregador, que pode ou não lhe conceder mais dias de folga antes de retomar suas atividades profissionais. (Disponível em: https://www.tst.jus.br/radio-outras-noticias/-/asset_publisher/0H7n/content/direito-garantido-detahes-sobre-licenca-nojo. Acesso em: 24 jul.2020.

imediatividade, que acompanha a lógica do tempo no digital. Muito pelo contrário. Afinal, estamos ainda em meio ao pico da pandemia no Brasil, sem nenhuma previsão de queda na curva de contágios, e o *Inumeráveis* e outros memoriais cumprem o papel central de dar visibilidade aos nomes e histórias das pessoas mortas pelo coronavírus, aquelas que permanecem invisíveis em outros enquadramentos. Trata-se de uma forma de relatar radicalmente distinta das estatísticas presentes nos jornais, como veremos, e que mesmo se contrapõe a ela, já que

*não há quem goste de ser número
gente merece existir em prosa.*²²

Mesmo que as discussões a respeito de memoriais físicos seja praticamente inexistente, ao menos no Brasil²³, nada impede que essas novas maneiras encontradas de se construir uma memória possam ter efeitos em futuras políticas de Estado ou em iniciativas privadas. Inclusive, elas podem ajudar a compor partes integrantes dessa memória ainda por vir.

O que queremos salientar ao dizer algo deste funcionamento próprio aos suportes digitais contemporâneos é a introdução de um contraponto que vai de encontro ao entusiasmo provocado pela aparente falta de limites espaço-temporais do digital, lugar onde supostamente tudo cabe sem atrasos²⁴. Segundo Régine Robin ([2003] 2016), nesses suportes:

A memória se produz em uma velocidade semelhante à da luz. Não se pode mais, por isso, distinguir um acontecimento de sua apreensão, nem mesmo essa apreensão da recepção universal. Os três momentos acabam coincidindo. Não há mais tempo, mais distância entre eles. O presente, o instante, significa tanto pelo acontecimento que se produz, sua apreensão, quanto por sua recepção. O acontecimento, desse modo, não tem nem mesmo tempo para se converter em ‘passado’ (p. 401).

²² Versos definidores do memorial *Inumeráveis* escritos por Edson Pavoni e disponíveis na página inicial do projeto, logo abaixo da longa lista de nomes e epígrafes.

²³ Para além do memorial *Inumeráveis*, há também atualmente a discussão no Senado brasileiro sobre a criação de um memorial virtual para as vítimas da Covid-19 no país, em particular os profissionais da saúde. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/29/senado-pode-instituir-memorial-virtual-das-vitimas-da-covid-19>. Publicado em: 29 maio 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.

²⁴ Para Arlette Farge, “o arquivo não é uma reserva na qual se sorveria por prazer, mas é permanentemente uma falta. [...] Por mais que existam pilhas de denúncias, que as palavras a recolher pareçam impossíveis de se esgotar um dia, a falta, paradoxalmente, opõe sua presença enigmática à abundância de documentos [...] Utilizar o arquivo hoje é traduzir essa falta em questão, é antes de mais nada despojá-lo” ([1989] 2017, p. 58). Por mais que a autora faça referência aos arquivos físicos, o arquivo digital, por sua vez, não está imune à falta.

Os memoriais inaugurados logo nos primeiros meses da pandemia e em meio aos anúncios diários de milhares de mortos são um exemplo dessa coincidência entre o tempo do acontecimento, sua apreensão (poderíamos dizer também sua textualização) e sua recepção por parte dos envolvidos e daqueles que ficaram de fora dele.

Nesta confusão, qual espaço resta para o tempo do sujeito? Pois bem, não confundamos o tempo rápido ou lento da criação e circulação pública de uma memória com o tempo imensurável da elaboração subjetiva de uma perda. Este último também não pode ser numerado. Muito menos tentemos associar estes tempos tão distintos de forma que um seja a solução para o outro. Não é disponibilizando uma história no memorial que o luto estará resolvido de uma vez por todas. No entanto, a montagem presente no memorial brasileiro e que nomearemos a partir de agora enquanto poética, disponível publicamente na internet, traz a possibilidade de um dar um pontapé inicial nesse longo processo de elaboração simbólica da perda de um ente querido, geralmente marcado pelos ritos funerários agora inexistentes para todos. Neste outro espaço, como os ritos, os relatos convocam também os voluntários do projeto enquanto testemunhas, porque colocam a necessidade de narrar como paradigma ético. Além disso, nessa instalação, somos também convocados enquanto leitores e espectadores. Isso permite a constituição de um circuito simbólico, marcado sobretudo por operações de escrita e leitura (e aqui temos uma especificidade do projeto *Inumeráveis*), ou seja, uma narratividade, que, a nosso ver, permite ocupar um certo lugar de rito público e de singularização de uma perda.

* * *

Retornemos para a materialidade da escrita posta em circulação no digital, espaço sem fronteiras que nos permite entrar em contato com aquilo que acontece também em outros países. Encontramos mais três memoriais que, como o *Inumeráveis*, pretendem dar visibilidade aos nomes e histórias das vítimas do coronavírus, mas cada um com sua particularidade gráfica.

O memorial norte-americano foi intitulado *Mourning America*²⁵, nome que faz clara referência ao luto [*mourning*], e criado por Rebecca Heiss e Dermot Jevens em 23 de março de 2020. Nele vemos os homenageados dispostos aleatoriamente em contraste a um fundo preto e podemos acompanhar a contagem em tempo real do número de

²⁵ <https://mourningamerica.org/>

mortos nos EUA. Eles nos são apresentados como fotos e/ou nomes dispostos em círculos. O número de círculos presentes no site acompanha a contagem no início da página, o que significa que, à medida que seguimos com a visitação, deparamo-nos mais abaixo com vários círculos vermelhos ainda não preenchidos: aqueles que ainda não receberam seu devido espaço no memorial.

No Reino Unido, há o memorial intitulado *Remember me*²⁶, colocado no ar no final de maio de 2020. Esta iniciativa não-governamental conta com a colaboração do Príncipe Charles e está ligada à Igreja de St. Paul, em Londres. Em sua página inicial, vemos diversos quadrados com fotos e/ou nomes das pessoas homenageadas dispostos sobre o fundo que retrata o interior da igreja. Para aqueles que não disponibilizaram uma imagem, vemos uma vela acesa.

Por fim, apresentamos também um terceiro memorial intitulado *CV19 Memorial*²⁷, que pretende dar visibilidade às vítimas de diversos países, principalmente aqueles de língua inglesa e espanhola, desde o começo de abril de 2020. Mesmo que se trate de um projeto mais internacional - com uma equipe composta de pessoas do México, Reino Unido, EUA e Canadá - este é o menor dentre os exemplos trazidos neste artigo. Na visitação, vemos inicialmente um fundo azul com diversos pontos dispostos aleatoriamente na tela (que representam, cada um, uma pessoa homenageada), dando-nos uma ilusão tridimensional, e é possível navegar entre eles através do movimento do mouse.

À diferença destes outros memoriais, nos quais os enlutados podem postar diretamente seu depoimento sobre a perda de um ente querido, contar algo de sua história e eventualmente também disponibilizar uma foto²⁸, o *Inumeráveis* apresenta a peculiaridade de nos dar a ler testemunhos indiretos a respeito dos mortos pela pandemia. São essas palavras e não uma foto que irão esboçar uma imagem para o

²⁶ <https://www.rememberme2020.uk/>

²⁷ <http://www.cv19memorial.org/>

²⁸ Roland Barthes nos diz sobre suas impressões ao revisitar fotos de pessoas já falecidas: “Em 1865, o jovem Lewis Payne tentou assassinar o secretário de Estado americano, W.H. Seward. Alexander Gardner fotografou-o em sua cela; ele espera seu enforcamento. A foto é bela, o jovem também: trata-se do *studium*. Mas o *punctum* é: ele vai morrer. Leio ao mesmo tempo: *isso será e isso foi*, observo com horror um futuro anterior cuja aposta é a morte. Ao me dar o passado absoluto da pose (aoristo), a fotografia me diz a morte no futuro. O que me punge é a descoberta dessa equivalência. Diante da foto de minha mãe criança, eu me digo: ela vai morrer: estremeço, tal como o psicótico de Winnicott, *por uma catástrofe que já aconteceu*. Que o sujeito já esteja morto ou não, qualquer fotografia é essa catástrofe.” ([1980] 2015, p. 80-1, grifos do autor). Quanto à noção de *punctum*, que remete tanto a um instrumento pontudo que serve para ferir como para a ideia de pontuação, sendo aquilo o que fere, o que punge e mortifica numa foto, Barthes nos diz: “[...] o *punctum* é um ‘detalhe’, ou seja, um objeto parcial. Assim, dar exemplos de *punctum* é, de certo modo, entregar-me”. (*ibid.*, p. 42, grifos do autor).

falecido. No memorial brasileiro, cada enlutado preenche um formulário digital ou manda um áudio que chegará a um dos quase 200 voluntários do projeto. Esta terceira pessoa (nem morto, nem enlutado) irá então redigir um texto tributo livre de 2 a 8 parágrafos e uma epígrafe-epitáfio de no máximo 110 caracteres com aquilo que foi contado neste material escrito ou falado. Nesta escrita, o(a) voluntário(a) é livre para ressaltar alguns aspectos que o tocaram na escuta daquela história, sejam eles relacionados a uma característica única ou a palavras pronunciadas pelo falecido durante sua vida. Dentre os muitos exemplos, citamos a história de Adélio Electo:



Foto 1 - publicação do *Instagram* do projeto

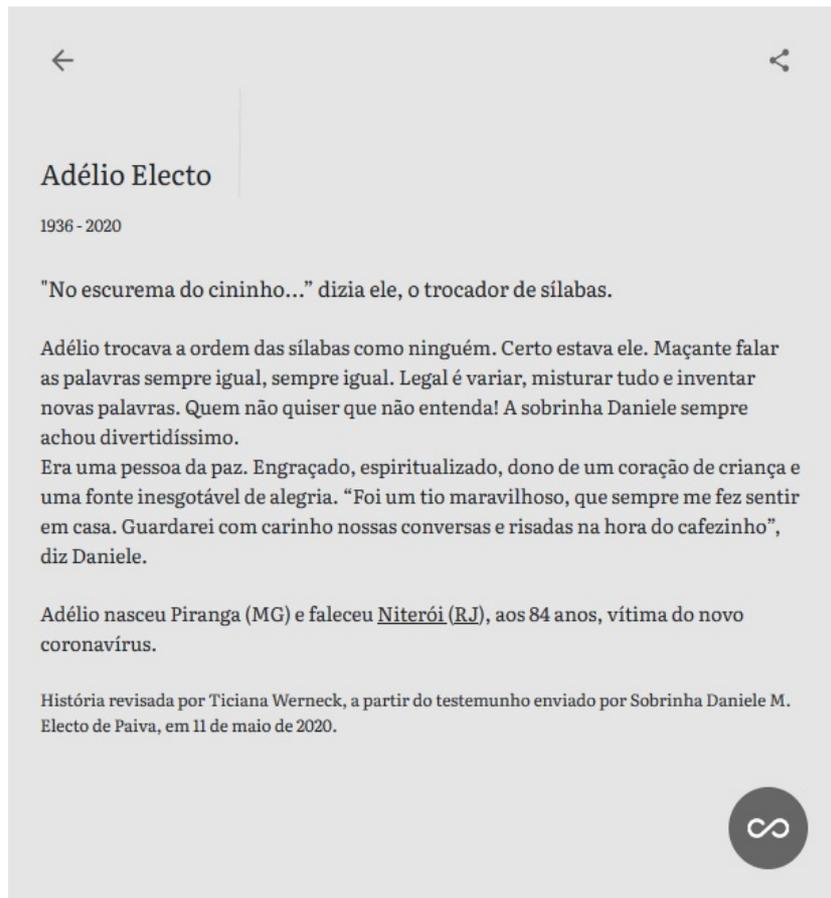


Foto 2 - testemunho disponível no próprio site do projeto.

A partir do *Manual para escritores voluntários*²⁹, disponível no site do projeto, podemos dizer algo a respeito de *Como escrever um luto*. Tem-se ali uma sequência de passos e recomendações para que o(a) voluntário(a) possa escrever de “maneira emocionante”³⁰ e, a nosso ver, dar testemunho daquela vida singular e o luto particular desencadeado por sua perda. Giovana Madalasso recomenda neste manual que a testemunha (maneira pela qual iremos nos referir aos voluntários deste projeto de agora em diante, assim como a nós mesmos, leitores) resuma neste breve tributo fatos relevantes da vida do falecido, por exemplo suas realizações, e não foque em detalhes sobre sua morte, já que este é, sobretudo, um texto de celebração da vida³¹. Nesta escrita, a autora aconselha a contar sobre algum episódio peculiar, ressaltar

²⁹ https://inumeraveis.s3.amazonaws.com/escritor_inumeraveis.pdf

³⁰ Convém mencionar que o “emocionante”, aqui, parece-nos remeter menos à esfera do espetáculo, do efeito teatral, e mais à capacidade de causar afeto no outro, produzindo assim um circuito em que algo se transmite da experiência da perda.

³¹ Em consonância com esta celebração da vida explícita no memorial *Inumeráveis* citamos o projeto desenvolvido pelo Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (Universidade Estadual do Amazonas), no qual pretende realizar um obituário dos indígenas mortos durante a pandemia. Em sua fala durante o Webnário Internacional “Cidadania e democracia em tempos de pandemia”, ele afirma pretender falar da morte não como um mero objeto de estudos, mas sim “como um instrumento de combate pela beleza da vida”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=86X_f-iAmk. Acesso em: 28 jul. 2020.

características marcantes e eventuais citações de familiares e amigos. Não é necessário elencar muitos adjetivos - o que poderia deixar o texto cansativo para o leitor - nem se debruçar sobre fatos grandiosos, pois “na maioria das vezes, a beleza está nas coisas miúdas”.

Ao lermos este testemunho sobre Adélio Electo, quem mais poderíamos conceber como um trocador de sílabas? E, mesmo que possamos pensar em outros seres no mundo com esta não tão rara capacidade, quem mais é capaz de trocar precisamente estas sílabas da canção de Rita Lee exatamente da mesma forma? Esboça-se aqui o retrato de uma vida única e os contornos de um ser insubstituível no mundo a partir de um traço - palavra misturada e inédita - deixado em sua sobrinha, Daniele, e marcado na escuta-escrita de Ticiane Werneck³².

Para os revisores destas histórias-testemunhos, aconselha-se que o trabalho seja levado adiante de maneira imparcial (e poética)³³. O poético aparece assim, entre parênteses, como se tratasse de algo secundário. Afinal de contas, não estamos diante de um texto auto-intitulado pelos seus autores enquanto um poema, mas sim enquanto um “texto-tributo”. No entanto, mesmo que não se trate ali propriamente de um poema, pretendemos elevar o poético a um papel central na resistência instituída no memorial.

Para tanto, baseamo-nos nas teorizações de Roman Jakobson, que acreditava que nada da língua deveria ser estrangeiro ao linguista, e isso inclui manifestações como a pintura, poesia, física e a integralidade da cultura (Milner, 2008, p. 188). Muitos de seus trabalhos tomaram como objeto de análise obras de literatura, movimentos artísticos, musicologia, lendas folclóricas, além de outros temas caros à cultura³⁴. Assim, pensamos junto a ele que a função poética da linguagem não se restringe somente a versos dispostos de acordo com determinada organização rítmica - se levamos em conta a métrica e a rima - e/ou espacial - se consideramos uma quebra aleatória na disposição de versos e os poemas-imagens típicos do concretismo ou de outros movimentos artísticos³⁵. Para Jakobson (1973), a poesia é um fenômeno universal aos mais diversos

³² Os nomes próprios aqui também revelam um caráter específico: não se trata tanto da função de cada um dos portadores dos nomes, mas justamente de que funcionem como nomes próprios, isto é, como significantes puros, como assinala Lacan em algum momento.

³³ https://inumeraveis.s3.amazonaws.com/revisor_inumeraveis.pdf

³⁴ Cf. a coletânea *Language in literature* (1987), dentre outros trabalhos do linguista Roman Jakobson.

³⁵ Na conferência intitulada *O que fazem os poetas com as palavras*, Jakobson afirma: “Seja-me permitido passar agora ao problema essencial da poesia. Como se sabe, a palavra *poesia*, que é de origem grega, prende-se a um verbo que significa ‘criar’, e, na verdade, a poesia, não sendo o único aspecto criador, é o domínio mais criador da linguagem. Quanto à palavra *verso*, tem a mesma raiz com *prosa*, visto que *prosa* deriva de *provorsa*, *proversa*; *oratio proversa* é aquela que caminha resolutamente em frente, com uma direcção estrita. Além disso, *versus* quer dizer ‘retorno’, um discurso que comporta

agrupamentos humanos, assim como a linguagem. Além disso, ainda segundo o autor, é toda uma organização interna que está em causa em um texto poético, não apenas sua disposição rítmica (*ibid.*).

Mas, então, o que definiria um texto poético, ou melhor, a poeticidade de um texto? Trata-se de uma pergunta impossível de ser respondida objetivamente, segundo o autor, visto a variação dos temas caros à literatura ao longo do tempo, arte também intimamente ligada às mudanças históricas. Para ele,

a arte é uma parte integrante da estrutura social, um componente que interage com todos os outros e é, ela mesma, mutável, visto que tanto o domínio da arte quanto suas relações com outros constituintes da estrutura social estão em um constante fluxo dialético. O que defendemos não é o separatismo da arte, mas sim a autonomia da função estética. (JAKOBSON, [1933], p. 377)³⁶.

Se a resposta não pode ser encontrada em uma relação com a história, ela deve ser buscada no interior de cada texto submetido à análise. Dessa forma,

A poeticidade está presente quando a palavra é experienciada como uma palavra e não como mera representação do objeto sendo nomeado ou uma explosão de emoção, quando as palavras e sua composição, seu significado, sua forma externa e interna, adquirem um peso e um valor próprios ao invés de se referirem indiretamente à realidade (*ibid.*, p. 378, grifos nossos).³⁷

O que seria esta atenção à palavra desatrelada de seu valor referencial e sentimental, elementos que adquirem uma forma diferente a cada ato de enunciação, senão uma antecipação daquilo que o linguista diria ainda de outra maneira 40 anos depois, a saber, que “tudo na linguagem é, nos mais diversos níveis, significante” (*id.*, 1973, p. 7)? Assim, o que dissemos acima a respeito da resistência tomada sempre em relação com o significante adquire contornos um pouco mais nítidos, mas, ainda assim, não tão definidos nem, muito menos, definidores.

Nessa mesma direção, e retomando a obra de Jakobson, Gadet e Pêcheux ([1981] 2004) irão afirmar que

regressos – e penso ser esse um fenômeno fundamental, de que podemos tirar grande número de ilações.” (1973, p. 6)

³⁶ Tradução nossa do trecho: “art is an integral part of the social structure, a component that interacts with all the others and is itself mutable since both the domain of art and its relationship to the other constituents of the social structure are in constant dialectical flux. What we stand for is not the separatism of art but the autonomy of the aesthetic function.”

³⁷ Tradução nossa do trecho: “**Poeticity is present when the word is felt as a word** and not a mere representation of the object being named or an outburst of emotion, when words and their composition, their meaning, their external and inner form, acquire a weight and value of their own instead of referring indifferently to reality.”

[...] não há dimensão da língua que escape a priori ao poético, o que significa, segundo os termos de Milner (Cistre), por um lado, que ‘a poesia é homogênea à língua’, por outro lado, que ‘a língua não poderia ser pensada completamente se a ela não se integrasse a possibilidade do poético’. (p. 108).

Tal descoberta, aliás, se deve sobretudo à “loucura” saussureana, já que

diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem, como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. (*ibid.*, p. 58).

Nesse sentido, a partir da leitura de um testemunho presente no *Inumeráveis* afetada pelas indagações teóricas de Jakobson, Pêcheux e Gadet, trazemos também uma releitura da noção de significante cara à Psicanálise lacaniana³⁸ que leve também em consideração uma poeticidade inerente à língua: o significante que diz de sua relação com uma resistência possível pode ser entendido, portanto, como essa não qualquer palavra que, paradoxalmente, só adquire esse estatuto quando posta em uma série a partir da qual se destaca. Em nossa leitura, o testemunho sobre Adélio Electo nos tocou particularmente, pois parece trazer uma brincadeira com a sonoridade e o ordenamento de sílabas que é tomada, literalmente, enquanto uma palavra inédita que marca uma diferença com todas as outras.

Quando ressaltamos que estas reflexões (ainda iniciais, é preciso frisá-lo) não nos ajudam a estabelecer um caráter definidor e acabado da forma de uma resistência em um trabalho com a língua, localizamos o poético numa relação estrita com o resto que permanece como resultado em toda operação de mobilização do simbólico em jogo no mínimo luto. O poético, portanto, anda lado a lado a um inominável.

Dessa forma, produz-se um deslocamento de uma normatividade da forma a ser tomada por um testemunho no memorial para uma indagação a respeito do que se marca ali como resto de um impossível de representar a respeito de uma vida e o sentimento decorrente de sua perda. Para nós, essa impossibilidade se marca e se dá a ler como tal através de um traço poético singular a cada testemunho: uma sílaba, uma letra de música, um bigode com formato de andorinha. Dito em outras palavras, a pergunta a ser

³⁸ Segundo Lacan, “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo.” (Lacan, [1960] 1998, p. 833)

feita sobre aquilo que o *Inumeráveis* faz não é mais *Como escrever um luto?*, mas sim *O que se escreve de um luto?*.

* * *

Allouch ([1995] 2004), em seu livro *Erótica do luto no tempo da morte seca*, destaca detalhadamente três versões diferentes do luto, sem nenhuma tentativa de estabelecer uma relação de normatividade entre elas: uma derivada de *Luto e Melancolia*, texto escrito por Freud; outra derivada da leitura de Hamlet feita por Lacan no *Seminário 6*; e ainda outra derivada da leitura feita pelo próprio autor do conto *Agwii, o monstro celeste*, escrito por Kenzaburo Ôe. Vemos que cada uma parte de uma experiência particular e, portanto, não podem ser postas em série, mas somente tomadas caso a caso³⁹.

Além disso, Allouch propõe uma escrita para uma versão lacaniana do luto ao estilo de um matema: $(1 + a)$ exprime o objeto composto perdido com a morte de alguém. Assim, não é somente um corpo que é perdido com a morte de um ente querido, e aqui ressaltamos esse corpo não como um mero organismo fisiológico, mas também como voz, olhar, gesto, presença, sílabas ordenadas ou não, dentre outras inumeráveis possibilidades de linguagem tão delicadamente textualizadas no memorial: “O carnaval em pessoa”, “Aquele que transformava tudo em arte”, “A que não sabia, nem queria, aprender a dizer não”, “O chinês mais brasileiro de que se tem notícias”. Além deste corpo, perde-se também, na forma de um “gracioso sacrifício de luto” (ALLOUCH [1995] 2004), um pequeno pedaço de si, aquilo que não pertence exclusivamente nem ao morto nem ao enlutado, mas representa esta parte “de si” que só é assim devido à vivência/experiência compartilhada com o outro ou mesmo atravessada por ele.

“O meu coração está no caixão, ali, com César”, diz Antônio, no ato III, cena II, de Shakespeare. Allouch diz que duas leituras são possíveis dessa formulação: sofro por meu coração estar onde não deveria, pois me foi arrancado; ou: meu coração ali está, e ali vou abandoná-lo, pois é mesmo seu lugar. É essa segunda leitura que nos interessa, na medida em que ressalta o que está em jogo no luto. Retomemos: “O meu coração está no caixão, ali, com César”, o que nos orienta a pensar que não é toda e qualquer experiência de morte que conduz ao luto, mas apenas aquelas em que um “pedaço de si”

³⁹ Segundo Allouch ([1995] 2004), “conviria primeiramente admitir que não sabemos o que é um luto, tampouco se há um ou vários. O problema do luto seria então colocado como uma incógnita, como um x , de que se esperaria de cada caso que ele lhe desse seu valor. Com certeza, heurísticamente, tal política analítica em relação ao luto como clínica seria a mais pertinente.” (p. 172).

cai junto com o morto e exige do enlutado um ato de deixar essa parte ir, com o morto, ou seja, sacrifício.

A frase seguinte dessa peça de Shakespeare é: “e eu devo interromper-me até que ele tenha voltado para mim”. É justamente isso o que está em questão: na medida em que não se aceita em consentir com essa perda, o sujeito queda interrompido, pausado, pois essa parte “de si” não voltará mais e é necessário sacrificá-la. No entanto, é preciso pensar que um ato existe sob e de acordo a determinadas condições: o sacrifício dessa pequena parte “de si” exige, primeiro, que uma morte seja reconhecida em sua dimensão de perda; segundo, que a essa morte se atribua um rito, cujo envolvimento com o corpo do morto não é secundário; e terceiro, que ao enlutado se reconheça seu caráter de enlutado e se permita a constituição de um objeto cujo destino é deixar-se ir. Ora, não nos parece que, ao menos no Brasil, quaisquer das três condições possuam o grau de reconhecimento necessário para que os sujeitos não se percam num luto sem fim porque sem início. É nesse lugar que um projeto como o *Inumeráveis* pode ter sua eficácia.

Havíamos mencionado três versões do luto presentes em Allouch, e agora interessa-nos apontar alguns elementos singulares a cada uma para então marcar uma diferença com o que acreditamos ser o traço marcante de uma versão do luto apresentada no memorial *Inumeráveis*. Em uma versão freudiana do luto, o objeto perdido é perfeitamente substituível, pois, ao final de um longo trabalho de desinvestimento e reinvestimento libidinal, um objeto substituto apresentará a mesma carga pulsional que aquele anteriormente perdido. Em contrapartida, na versão lacaniana, há uma disparidade profunda entre a situação de antes e depois do luto, já que o ato de luto instaura uma posição subjetiva até então inédita. O objeto perdido, na leitura de Allouch, é tido aqui como insubstituível e o luto consiste em passar da experiência de um desaparecimento do ser amado para o reconhecimento, tomado em ato, de sua inexistência (p. 126)⁴⁰. Na versão derivada do conto de Kenzaburo Ôe, “para qualquer um, o luto põe em jogo o que terá tido de cumprido ou não cumprido a vida

⁴⁰ Esse ato não deve ser tomado de maneira romantizada, como se tratasse de um episódio grandioso. De maneira geral, nada na Psicanálise deve ser tomado como um evento colossal, nem mesmo a cura analítica. Por vezes, este ato de luto toma a forma de um pequeno detalhe, de um sonho ou de uma frase, mas sua característica é não deixar dúvidas. Pode-se por exemplo, pensar na morte de um ente querido depois de uma longa doença. Esse ser amado poderia passar boa parte do dia deitado em uma cama e necessitar de cuidados especiais. Depois de sua morte, a cama permanece no mesmo lugar. Passa-se um tempo e então aquela cama tão arrumada pode adquirir outro estatuto: ali, ele nunca mais se deitará, diz a certeza que agora nos atinge como um relâmpago e confere um valor significante à mobília.

que acaba de cessar” (*ibid.*, p.320). Dessa forma, o luto mobiliza também um “não-se-sabe-o-que”, pois remete àquilo que não aconteceu⁴¹.

Ainda sobre esta terceira versão, interessa-nos salientar que há também uma discussão inicial a respeito da transferência e da função do público no luto, porém ainda de maneira superficial. Teriam esses dois aspectos somente relação com se dizer estar de luto a uma terceira pessoa, contar ou inventar histórias a respeito do morto ou portar algo no corpo, como é o caso de roupas pretas nas sociedades ocidentais e pinturas corporais em algumas sociedades indígenas?

Pensamos que o memorial *Inumeráveis* nos permite dizer algo a respeito da transferência e do público no luto se consideramos a sua forma singular de textualizar os relatos proferidos pelos enlutados e também seus efeitos de circulação no espaço virtual, acessível a todos com internet. O público, entretanto, não pode ser entendido somente como aquilo que se encontra disponível em determinado espaço. Da mesma forma, não se trata aqui do ato individual de um sujeito empírico no mundo, mas sim de uma ação concebida sempre em relação com o Estado e suas políticas (ou falta de políticas) governamentais. Assim, mesmo o ato isolado de um sujeito no mundo, como o caso das ações do presidente Jair Bolsonaro ou do idealizador Edson Pavani, deve ser tomado em conjunto a suas reverberações políticas na esfera pública. Não é sem consequências que uma iniciativa para garantir a visibilidade das vítimas da pandemia parta do âmbito civil e não de agentes do governo. Isto não deve lido de maneira ingênua.

Entendemos a transferência em jogo no luto no sentido comum deste termo, ou seja, um terceiro (ou quarto, quinto, enésimo) sem um vínculo direto com o morto acaba sabendo que está também de luto⁴². Nesse sentido, a noção de transferência é uma aliada em potencial à mobilização de um *luto coletivo*. Não é possível levar com indiferença os anúncios diários de milhares de novos mortos pela pandemia no Brasil. Estamos também de luto.

⁴¹ Na epígrafe de Ricardo Maeda, disponível no memorial *Inumeráveis*, lemos: “Ia ser um pai completo. Não teve tempo.”

⁴² Sobre a relação transferencial presente no conto de Kenzaburo Ôe, Allouch afirma: “O luto não é redutível a uma relação sujeito-objeto soberbamente isolada de qualquer intervenção terceira” ([1995] 2004, p. 338). Pensamos que esta citação pode ser estendida para além do contexto específico da leitura do conto, pois ela diz também de um luto que não se restringe ao âmbito meramente intrapsíquico, mas cuja elaboração convoca o social. Trata-se de uma outra face da não oposição entre “social” e “subjetivo” em jogo no luto salientada por Suely Aires em sua fala na mesa “Luto e subjetivações: clínica, política e ética” (conferir nota 10 acima).

Neste cenário, o memorial assume o papel de contar o nome e um pedaço da história desses seres únicos no mundo que só aparecem como casas decimais nos jornais, constituindo, dessa forma, resistência à morte sem traços. Assim, posiciona-se em um enquadramento (BUTLER, [2009] 2016) outro, no qual essas mortes passam a nos afetar de maneira diferente do que somente pela sua quantidade avassaladora. Essa visibilidade daquilo que se encontra invisível em outros espaços é possível, no caso específico do *Inumeráveis*, devido ao trabalho de montagem poética feito pelos voluntários a partir dos relatos escritos ou falados enviados ao site do projeto, como já mostrado acima. Chamamos essas pessoas de testemunhas, pois nesse ato de escrita elas produzem a dupla ação de legitimar a história do morto e o luto decorrente de sua perda, colocando-os para circular no espaço virtual. Além disso, um outro aspecto a ser destacado é que essa montagem poética abre espaço para uma escrita criativa na qual cada voluntário é livre para dar a ler também uma marca de si, recortes de uma história específica responsáveis por marcá-lo de maneira particular. Dessa forma, o que está em jogo nesse tributo não é uma verossimilhança com o relato do enlutado que possuía um vínculo direto com o morto, mas aquilo que se transmite de seu luto, tanto para esta testemunha quanto para nós leitores.

Ousamos dizer que esse aspecto singular a cada texto-tributo ultrapassa qualquer pretensão normatividade descrita no *Manual para escritores voluntários* do projeto. Nessa operação, algo do que se transmite de um relato passa, então, para o campo de um possível de escrever que se marca em traços poéticos, esse espaço da linguagem no qual as fronteiras do dizível são reformuladas⁴³. Retomamos o poético aqui justamente por sua opacidade e dificuldade de se consolidar em uma forma pré-definida, assim como a transmissão. Segundo Régine Robin, “a verdadeira transmissão nos escapa, ela não é controlável, digitalizável, nem simulável de antemão. Ninguém sabe o que restará” ([2003] 2016, p. 437).

Ainda não sabemos o que restará de um país. Mas, se de tudo fica um pouco, por que não ficaria um pouco de poesia?⁴⁴

FIM

⁴³ Cf. Rodrigues, 2020, *A escuta psicanalítica na fronteira: por uma ética do espanto* (artigo no prelo derivado da apresentação do autor no evento “X Encontro Internacional Saber Urbano e Linguagem ‘Artefatos de leitura’”, em 27 de nov. de 2019) para uma discussão teórico-clínica sobre como o poético, entendido enquanto subversão, faz comparecer o impossível da língua.

⁴⁴ “Se de tudo fica um pouco,/ mas por que não ficaria/ um pouco de mim [...]”, *Resíduo*, de Carlos Drummond de Andrade (<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond39.htm>).

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean [1995]. **Erótica do luto no tempo da morte seca**. Trad.: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Trad.: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5 ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre-RS, Artmed, 2014.
- BARTHES, Roland [1980]. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Trad.: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 7ª edição, 1994.
- BUTLER, Judith [2009]. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Trad.: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão *et al.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 2016.
- CHAVES, Tyara Veriato. **Entre a escrita e o olhar**: uma poética da violência. 2020. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2020.
- DOS ANJOS, Liliane; MODESTO, Rogério. Um social dividido, um não-lugar encenado pela fuga. **Revista Rua**, Campinas, n.23, v,1, p. 5-22, jun. 2017.
- FARGE, Arlette [1989]. **O sabor do arquivo**. Trad.: Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Trad.: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel [1981]. **A língua inatingível**. Trad.: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- JAKOBSON, Roman [1933]. What is poetry? *In: POMORSKA, K.; RUDY, S.. Language in literature*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1987. p. 368-378.
- JAKOBSON, Roman O que fazem os poetas com as palavras? **Revista Colóquio/Letras**, n.12, p. 5-9, mar. 1973.
- LACAN, Jacques [1958-1959]. **O seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação. Trad.: Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LACAN, Jacques [1960]. Subversão do sujeito e dialética do desejo. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 807-842.

MBEMBE, Achille [2003]. **Necropolítica**. Trad.: Renata Santini. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILNER, Jean-Claude. **Le périple structural**: figures et paradigme. Éditions Verdier, 2008.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas – SP: Editora Pontes, 5ª edição, 2007.

PÊCHEUX, Michel [1975]. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel [1982]. Delimitações, inversões, deslocamentos. *In: Caderno de Estudos Linguísticos*, n.19, p. 7-24. jul/dez. 1990.

ROBIN, Régine [2003]. **A memória saturada**. Trad.: Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

RODRIGUES, Leonardo Coutinho. **A escuta psicanalítica na fronteira**: uma contra-leitura do laço social. (no prelo)

Como referenciar este artigo:

BALDINI, Lauro José Siqueira; NASCIMENTO, Elisa Mara do. “Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...”: os inumeráveis e a morte inominável. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 67-90, janeiro, 2021.